

**DECRETO N.º 5515, DE 16 DE OUTUBRO DE 1978.****Denomina "Orlando Silva" uma via pública do Município de Campinas.**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios),

**D E C R E T A :**

Artigo 1.º — Fica denominada "RUA ORLANDO SILVA" a Rua 24 do Jardim Campos Elisios, com início na Rua Ernesto Alves Filho e término na Rua Cons. Martim Francisco do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 16 de outubro de 1978.

**DR. RUI FERNANDO AMARAL GONÇALVES DE CARVALHO**

Prefeito Municipal em Exercício

**DR. CARLOS SOARES JÚNIOR**

Secretário dos Negócios Jurídicos

**ENG.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO**

Secretário de Obras e Serv. Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 20.496, de 9 de agosto de 1978, em nome do Prefeito Municipal, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 16 de outubro de 1978.

**DR. ALFREDO MAIA BONATO**

Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA ORLANDO SILVA



Em toda a América Latina, talvez só um artista poderia merecer, como Orlando Silva, o título de "Cantor das Multidões": o argentino Carlos Gardel. Mas, quando Gardel morreu, em 1935, Orlando malse iniciava na vida artística. Sua família era pobre. O pai, José Celestino da Silva, funcionário humilde da Central do Brasil, tocava violão com o histórico conjunto de Pixinguinha, os "Oito Batutas", mas os encargos de família não o deixaram profissionalizar-se: tinha de sustentar a mulher, Balbina Garcia da Silva, e os sete filhos: Edmundo, Cinira, Guiomar, Jai Valter, Medeiros e Orlando.

Ainda menino, Orlando Garcia da Silva já cantava nas esquinas do Engenho de Dentro, bairro em que nasceu a 3 de outubro de 1915. Quando à escola, Orlando levava, junto com os livros, um folheto de modinhas. Aos 6 e 7 anos já tinha fãs: as meninas que o ouviam cantar quando subi na amoreira da vizinha.

Sua estréia no rádio foi a 23 de junho de 1934, na Rádio Cajuti, do Rio. - "Que emoção", recordava Orlando: - "Quando eu já estava cansado de esperar pelo diretor, o compositor Bororô apareceu e se encantou com minha voz; resolveu me apresentar a Francisco Alves e, a partir dali, tudo mudou". Orlando tinha então 19 anos. Francisco Alves ouviu-o cantar, em seu próprio automovel, ficou impressionado e o convidou a fazer um teste na Cajuti (um anagrama da palavra Tijuca), na qual Orlando estreou cantando "Malandro Sofredor" e onde ficou atuando até dezembro de 1934, quando passou a integrar o côro da RCA.

Torcedor do Flamengo e da Portela ele levou 29 anos para se casar com sua companheira Maria de Lourdes Sousa Franco, num templo das Testemunhas de Jeová, seita a que se dedicou a partir de 1976.

Não houve no Brasil cantor com tanto sucesso em discos como Orlando Silva. Para João Gilberto e Caetano Veloso, ele foi um dos cantores mais importantes do país. Sem recorrer à publicidade, ninguém foi tão idolatrado quanto ele, em lugar nenhum do País. Cantou especialmente para Presidentes da República, como Getulio Vargas, Juscelino Kubitsche e João Goulart. Foi o interprete ideal da alma e do comportamento lírico brasileiro, em especial do carôca. Do ponto de vista estritamente musical influenciou não só João Gilberto e Caetano Veloso, mas até Roberto Carlos.

Para seu primeiro disco gravado na RCA, em 1935, Orlando escolheu duas canções de Cândido das Neves, que Vicente Celestino gravara anteriormente, sem êxito: "Lágrimas" e "Última Estrofe". É um disco fundamental na historia da musica brasileira. Mas o sucesso de massa só veio mesmo em 1937, com "Abre a Janela". Orlando Silva levará seus admiradores ao delírio no carnaval de 1939, quando quatro músicas que gravou foram premiadas: "Jardineira", "Meu Consolo é Você", "Historia Antiga" e "O Home sem Mulher não Vale Nada". Em 1940 foi premiada sua gravação "Mamequer e, no ano seguinte, "Atire a Primeira Pedra".



De 1936 a 1944 não houve nenhum cantor que se igualasse a Orlando Silva na preferência popular. De ternão panamá branco, cantando "Naná", "Apoteose do Amor", "Céu Moreno", "Última Estrofe", "História Joanina", "Cancioneiro", "No Quilômetro Dois", "Deusa do Cassino", "Meu Coração a Teus Pés", "Mimi", "Rosa", "Carinhoso", "Leo-Lero", ou, principalmente, "Lábios que Beijei" - seu maior sucesso, junto com "Jardineira" -, Orlando comoveu auditórios e praças públicas, encharcou milhares de lenços femininos. Em 1939, Orlando cantou para Tito Schipa, no Municipal, do Rio. "Olha, menino, cante sempre como cantou hoje para mim. Sua voz não tem segredo. É a espontaneidade total", disse-lhe o cançonetista italiano.

Orlando Silva é considerado o maior cantor brasileiro de todos os tempos. Vítima de uma trombose cerebral, morreu, em 7 de agosto de 1978, aos 62 anos de idade, no Rio de Janeiro.



## LIHA DA TARDE ilustrada

São Paulo, terça-feira, 8-8-1978 — PAG. 27

# O "CANTOR DAS MULTIDÕES"

N-03.10.1916  
F-07.08.1978

Vítima de trombose, morreu ontem Orlando Silva, "o cantor das multidões", aos 62 anos de idade. Orlando teve sua melhor fase na década de 40, a ponto de merecer seu nome numa rua de um subúrbio carioca e receber cerca de cem troféus, que ele guardou com carinho até o final de sua vida.

Casado há 30 anos com D. Lurdes, Orlando, ultimamente, vivia num apartamento em Copacabana, onde comemorou os seus 60 anos, sem festa e sem os amigos de seu tempo.

Esses amigos, de quem ele conservou lembranças e fotografias amareladas, foram os famosos Donga, Pixinguinha, João da Batata, Lamartine Babo, Ratinho, Luis Americano, Chico Alves e Jacob do Bandoim, hoje mortos.

### Do subúrbio

Orlando Silva nasceu no subúrbio carioca de Engenho de Dentro. Na infância cantava nas festas das vizinhanças, músicas de Silvio Caldas, Francisco Alves e Augusto Calheiros, os seus preferidos. Com 12 anos foi obrigado a trabalhar para aludar no sustento

da família. Assim, trabalhava como operário numa fábrica de cerâmica, em outra de tecidos, foi balconista, "office-boy" e aprendiz de sapateiro. Aos 16 anos, por ter quebrado o pé num acidente de bondê, teve que arranjar um emprego que lhe permitisse permanecer sentado, vindo assim a trabalhar como cobrador de ônibus, onde foi descoberto como cantor.

Enquanto fazia os trocos, Orlando cantava músicas que gostava até que o filho do dono da empresa de ônibus, o radialista Luis Barbosa, impressionado com a sua voz, levou-o para trabalhar no estúdio da companhia e o nomeou seu acompanhante, nas noites que fazia, nas serenatas.

Nessas andanças, conheceu o compositor Bororó que apresentou a Francisco Alves no Café Nice. Nesse dia — Orlando tinha 18 anos — Chico Alves lhe disse: "Menino, você canta mesmo!". Logo depois, Orlando Silva estreou no "Programa Francisco Alves" da Rádio Cajuti, cantando o sucesso de Silvio Caldas "Mimi". Isso foi em junho de 1934.

Depois da Cajuti, vieram as rádios Sociedade Clube do Brasil, Guanabara, Mayrink Velga, Cruzeiro do Sul, Transcontinental e a Rádio Nacional, que ele dizia ter ajudado a inaugurar em 12 de setembro de 1936.

No ano seguinte, Orlando gravou seu primeiro disco, mas o sucesso veio com a gravação de "Lábios Que Beijei", de J. Cascata e Lequel Azevedo, feita dois anos depois.

Entre seus maiores sucessos estão: "Juramento Falso", "Capricho do Destino", "Balaláica", "Páginas de Dor", "Carinhoso", "Rosa" e "Nada Além".

### Das multidões

Nessa época de sua carreira, em fins dos anos 30, Orlando Silva, "o cantor das multidões", como lhe chamavam o apresentador paulista Octaviano Cozzi — era capaz de arrancar frenéticos aplausos, rufos e até desmãos de seus fãs. Sua voz provocava até propostas de casamento e cartas apaixonadas. E a confusão toda criada em torno de sua pessoa fez com que, em 1944, se afastasse do público em busca de paz.

Em 1951 voltou com a gravação do samba carnavalesco "Senhor Me Ajude", mas com capnaval parou por aí, pois achava que o carnavalesco estava descharacterizado, tinha deixado de ser uma manifestação pura, onde as pessoas brincavam como crianças, dando lugar a uma máquina publicitária fria, que impedia que as músicas boas aparecessem, impondo simplesmente uma indústria de samba.

A partir daí sua trajetória musical seguiu calmamente sem o alarde de do início, mas continuou firme, prestigiado por público fiel e presente.

### O último disco

O último disco gravado por Orlando Silva tinha músicas de Taiguara ("Hoje"), Edu Lobo e Torquato Neto ("Pra Dizer Adeus"), Antonio Carlos e Jocaifi ("Dessa, pero"), Gilberto Gil ("Mancada") e Caetano Veloso. Sempre que perguntavam a ele sua opinião sobre a atual música popular brasileira, ele dizia que gostava de tudo, desde Carlos Gomes até Chico Buarque, e que tinha uma certa predileção

pelas composições de Roberto e Erasmo Carlos. A primeira música que gravou foi "Mimi", mas ficou famoso também pela interpretação de Marjunga, "Lábios que Beijei" e "Nada Além". Os chorinhos, fangos, valsas, fox, fox-bôtero, marchas e boleros que gravou atraíram muitos admiradores que colecionavam os elepês de 78 rotações sob os mais variados selos: Odeon, Columbia, Copacabana e RCA Victor.

O "cantor das multidões" será sepultado hoje no Cemitério S. João Batista, no Rio. Seu corpo estáva sendo velado desde a noite de ontem na Câmara dos Vereadores, que há mais de 20 anos recebia também para última despedida o corpo de Francisco Alves, seu rival na preferência do público de rádio na época.

Ele foi praticamente o último dos boêmios de sua época, o último de um grupo de cantores e compositores que se reunia no Café Nice. Hoje — disse Orlando Silva recentemente — não há mais o Café Nice, as pessoas se reúnem nos saguões dos aeroportos e pouco tempo têm para conversar.